

A ESTRUTURA SILÁBICA NAS LÍNGUAS JÊ*

Jéssica Cavalcante Ribeiro¹
Christiane Cunha de Oliveira²

Faculdade de Letras/UFG

jessicavalcanteribeiro@gmail.com

christiane.de.oliveira@hotmail.com

Palavras-chave: Línguas Jê; fonologia; padrões silábicos.

* Revisado pela orientadora.

¹ Orientanda, PIVIC 2010-11. Acadêmica do curso de Letras (Licenciatura) da Universidade Federal de Goiás.

² Doutora em Linguística pela University of Oregon. Docente dos cursos de Letras e Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás.

1. INTRODUÇÃO

A fonologia é o nível de análise lingüística que se centra no papel distintivo-funcional que os sons desempenham no sistema lingüístico ao qual pertencem; ou seja, a partir de um ponto de vista funcional, analisa-se como os elementos que integram um sistema lingüístico o determinam, interpretando os sons em função do sistema das línguas e dos modelos teóricos existentes. O fonema é a unidade mínima deste nível lingüístico. É, pois, uma unidade abstrata da língua que se realiza por meio de seus fones, unidades da fala, objetos de estudo da fonética.

A sílaba é uma unidade fonológica encontrada em línguas naturais, e sua formação se dá através de processos auto-regulados pela estrutura lingüística. Sabe-se que a sílaba é uma unidade de organização rítmica da fala, envolvendo um agrupamento de sons em torno de uma vogal. É uma unidade perceptível gerada pelas interações entre os segmentos menos sonoros e os mais sonoros da língua, tendo o segmento vocálico como núcleo; todavia, essa acomodação não é aleatória, pois há padrões específicos determinados pelo sistema lingüístico.

Este trabalho visa fazer um estudo fonológico das línguas pertencentes à família Jê (As línguas indígenas brasileiras são, conforme afirma Rodrigues (1986), classificadas em famílias lingüísticas, que por sua vez compõem troncos lingüísticos, a família em questão forma com outras famílias o tronco Macro-Jê). O estudo realizado se voltará à estrutura silábica e aos processos fonológicos relacionados à sílaba nas línguas Kaingang, Xokleng, Xavante, Xerente, Suyá e Pykopjê.

2. OBJETIVOS

Busca-se através de uma análise comparativa, que parte de dados obtidos a partir de estudos teóricos e descritivos existentes sobre as línguas Kaingang, Xokleng, Xavante, Xerente, Suyá e Pykopjê, evidenciar padrões silábicos e processos fonológicos comuns entre as línguas da família Jê, proporcionando um conhecimento mais panorâmico sobre a organização fonológica da família em questão.

A importância deste trabalho se situa na constatação de que uma visão panorâmica dos padrões fonológicos existentes nesse grupo de línguas pode contribuir para o levantamento de fenômenos de relevância teórica, uma vez que a documentação dessas línguas é fruto de um movimento relativamente recente de estudos descritivos.

Há, segundo Rodrigues (1986), poucos indícios sobre a formação do tronco Macro-Jê se comparado, por exemplo, à formação do tronco Tupi. Assim, a formação desse tronco é ainda hipotética. Os dados e as conclusões aqui obtidos podem também contribuir como evidências para essa hipótese, num contexto de estudos comparativos relativos ao tronco em questão.

3. METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado a partir de uma análise comparativa de dados compilados a partir de teses e dissertações sobre a fonologia de línguas Jê. Após um levantamento bibliográfico, bem como leituras teóricas relacionadas ao tema, foi realizada uma análise de dados que apontam para certos padrões silábicos e processos fonológicos comuns, entre as línguas mencionadas.

4. RESULTADOS

Este trabalho focaliza a análise dos ramos Jê Setentrional, Central e Meridional, e se divide em duas partes: a primeira delas é dedicada a uma descrição geral dos sistemas fonológicos das línguas; já a segunda parte aponta e analisa os processos fonológicos encontrados, os quais têm uma relação direta com a organização silábica da cadeia fonológica.

4.1. Análise dos quadros fonológicos

As características segmentais das línguas analisadas e seus respectivos padrões silábicos serão apresentados nesta seção.

4.1.1. Xavante

A língua Xavante que, juntamente com as línguas Xerente e Xakriaba forma o ramo central da família Jê (Rodrigues, 1986), apresenta 20 fones consonantais. Destes, 11 são distintivos. São eles os fonemas consonantais /p, b, t, d, r, s, z, ʔ, ɣ, w, j/; e as vogais /i, ĩ, i, u, ə, ε, ě, õ, o, ɔ, ẽ, a, e/.

As consoantes são segmentos produzidos por algum tipo de obstrução, total ou parcial, do ar no trato bucal. Fonologicamente, as consoantes podem ser definidas como unidades que constituem as margens da sílaba.

As vogais são unidades mais sonoras. Quanto à articulação, são produzidas sem que haja uma obstrução do ar. O que ocorre é uma manipulação do ar no trato bucal. Fonologicamente, constituem o núcleo da sílaba, que se organizará em torno delas.

Há seis padrões silábicos em Xavante: CV, CVC, CCV, CCVC, os quais são exemplificados em (1).

(1)	CV	/bə. də. <u>di</u> /	‘estrada’
	CVC	/wəp. <u>sã</u> /	‘cachorro’
	CCV	/brɛ. bɛ/	‘língua’
	CCVC	/brəb. <u>di</u> /	‘fome’

As sílabas CVC e CCVC só ocorrem em início e meio de palavras. Assim a posição final fica restrita aos padrões CV e CCV, isso por que a especificação quanto ao traço de sonoridade dos segmentos que ocupam a posição de coda depende da consoante seguinte, ou seja, as consoantes da coda passam por uma assimilação quanto ao traço de vozeamento.

Qualquer um dos fonemas vocálicos da língua (orais ou nasais) pode ocupar a posição de núcleo. Quanto ao onset, com exceção do glide palatal, todos os segmentos consonantais podem ocupar esta posição. Já a posição de coda fica restrita às labiais /p/ e /b/ e ao glide /j/.

4.1.2. Xerente

A língua Xerente, falada no Tocantins, apresenta os seguintes fonemas consonantais: /p, t, k, b, d, m, n, r, s, z, w, h/. Quanto às vogais, a língua apresenta por volta de 27 fones vocálicos, dos quais, são fonemas os seguintes: /i, í, u, e, ɛ, o, ə, a, ɔ, e, ə, ĩ, ê, õ, ã/.

Os padrões silábicos observados no Xerente são V, VC, CV, CVC, CCV e CCVC, os quais são exemplificados em (2).

(2)	V	/u. <u>de</u> /	‘árvore’
	VC	/ro. <u>aH</u> . ku/	‘vento’
	CV	/k <i>̄</i> i. kra. re/	‘córrego’
	CVC	/s <i>̄</i> ɔj. tɛ/	‘arara’

CCV	/waj. <u>kwa</u> .ku. krɛ/	‘pau’
CCVC	/tkaj. ku. kne/	‘tijolo’

Apenas as vogais /a, u, i / podem constituir o padrão silábico V, que ocorre em posição inicial de palavra, como se vê em (3):

(3)	/a. kɛ/	‘colar’
	/u.de/	‘árvore’
	/i. pra/	‘minha perna’

No padrão VC a posição de coda pode ser preenchida pelo glide /j/ e o arquifonema /H/-[h] diante de [k], [h] [ɣ] [f] e como [x] diante de [i]. Esse padrão é pouco freqüente na língua, conforme aponta Souza (2008).

(4)	/roa.a <u>H</u> .ku/	‘vento’
-----	----------------------	---------

O padrão CV é constituído pelos fonemas /p, t, k, b, d, s, z, h, m, n, r,w/ e por qualquer um dos fonemas vocálicos. Quanto à distribuição, esse padrão pode ocorrer em qualquer posição da palavra.

(5)	/ <u>ki</u> . ka. ka/	‘cachoeira’
	/ <u>wa</u> . kō/	‘quati’

As sílabas CVC são poucos freqüentes. A posição de coda deste padrão fica restrita aos segmentos /m, n, d/, o arquifonema H- [h] [x], /s/ e aos glides /w, j/.

(6)	/ <u>dad</u> . ke/	‘nariz’
	/ <u>was</u> . da.wa/	‘nossa boca’
	/ki. <u>wra</u> .su/	‘corredeira’

No padrão CCV a segunda posição do onset pode ser ocupada por /p/ em ambiente átono, /k/, /r / /m/ /n/ /s/, o arquifonema /P/- [p] [b] em ambiente tônico e o glide /w/.

- (7) /tpe.ka/ 'piaba'
 /kne/ 'pedra'
 /tPe/ 'peixe'
 /waP. to. kwa/ 'pai'

No padrão silábico CCVC, a posição de coda pode ser ocupada pelos dos glides /w, j/, a oclusiva /t/ além dos arquifonemas mencionados.

- (8) /wa.krow.de/ 'arco'
 /tkaj. ku. kne/ 'tijolo'
 /da. si. kmãD. kɨ.zɛ/ 'espelho'.

4.1.3. Kaingang

O ramo Jê meridional é composto pelas línguas Kaingang e Xokleng. A análise da língua Kaingang apresentada aqui se centra, a princípio, no Kaingang de São Paulo. Cavalcante (1987), fonte de onde foram retirados os dados, apresenta uma comparação entre os dialetos de São Paulo e Paraná.

Os segmentos consonantais da língua são /p, t, ʃ, k, m, n, ŋ, r, φ, h, y, w/ e os vocálicos são /i, í, u, o, ɔ, e, ε, ə, a, ɨ, õ, ã/.

Quanto aos padrões silábicos, existem cinco. São eles:

- (9) V /e/ 'muitos'
 CV /tj/ 'ele'
 /wə/ 'marcador de sujeito'
 CVC /kim/ 'cortar'
 /pɛn. kar/ 'contar'
 CCVC /kriŋ/ 'estrela'

	<u>/kren.ko/</u>	‘cavar’
	<u>/ŋrun/</u>	‘gato’
CCV	<u>/pra/</u>	‘morder’
	<u>/ku.pri/</u>	‘branco’
	<u>/ŋɛ.ɸi/</u>	‘ovo’

4.1.4. Xokleng

Em Xokleng os sons que apresentam valor distintivo são as consoantes /p, t, k, k^w, ʔ, mp, d, ŋg, ŋg^w, tʃ, dʒ, m, n, ɲ, h, l, v, j/ e as vogais /i, ɪ, i, ī, u, ũ, e, ẽ, o, õ, ə, ə̄, ε, ɛ̄, ə̄, ã, ã̄/.

Os padrões silábicos encontrados nos dados foram VC, VCC, V, CVC, CVCC, CCV e CCVC, conforme ilustram os exemplos abaixo.

(10)	CVC	<u>/hõn/</u>	‘derrubar’
	CCV	<u>/kle/</u>	‘cestinho’
	VCC	<u>/ɛnh/</u>	‘eu’
	CVCC	<u>/kanh.ŋglẽ/</u>	‘carne’
	CCVC	<u>/plāl/</u>	‘chorar’
	VC	<u>/kəj.am/</u>	‘comprar’
	CV	<u>/ka.tʃo/</u>	‘cachorro’
	CCCV	<u>/kãnh.ŋglẽ/</u>	‘foice’

4.1.5. Gavião Pykopje

A língua Gavião Pykopjê compõe, com outras línguas, o complexo dialetal Timbira. Seu sistema fonológico é composto pelos fonemas consonantais /p, t, tʃ, k, k^h, h, m, n, r, j, w/. Não há fonemas oclusivos sonoros, pois estes se encontram em variação livre com as consoantes oclusivas surdas em ambiente intervocálico. Os fonemas vocálicos são /i, i, e, u, ə, ə̄, a, ẽ, o, õ /.

A língua apresenta os seguintes padrões silábicos:

(11)	CV	/w <u>e</u> t.r <u>e</u> /	‘calango’
	CVC	/t <u>e</u> p/	‘peixe’
	VC	/aʔ'p <u>r</u> ə/	‘pena da asa’
	CCV	/p <u>r</u> ət <u>e</u> /	‘gado’
	CCVC	/p <u>r</u> ut.t <u>e</u> /	‘sapo’

Assim o padrão silábico máximo da língua é C(C) V (C). A posição de onset pode ser ocupada por qualquer fonema consonantal da língua. Quanto à posição de coda, há uma restrição aos segmentos que podem ocupar essa posição, sendo que os segmentos /tʃ/ /^hk / não ocorrem. O núcleo da sílaba em Pykobjê pode ser ocupado por qualquer um dos fonemas vocálicos da língua.

4.1.6. Suyá

A língua Suyá, falada no Mato Grosso, tem seu quadro fonológico composto pelos fonemas consonantais /p, t, tʃ, dʒ, k, ɣ, m, n, ɲ, ŋ, r, s/ e os vocálicos /i, ī, ɪ, ī, u, ũ, e, ē, ε, a, ã, o, õ, ə/. Nesta língua, são observáveis os seguintes padrões silábicos:

(12)	V	/so. <u>a</u> .f <u>i</u> /	‘viúva’
	VC	/a <u>d</u> ʒ.p <u>a</u> /	‘nós’
	CV	/t <u>a</u> /	‘derrubar’
	CVC	/t <u>ə</u> m/	‘cair’
	CCV	/k <u>r</u> it/	‘frio’
	CCVC	/ɣ <u>u</u> et/	‘fazer’
	CCCV	/k <u>r</u> wa.me/	‘atirar’

4.2. Processos fonológicos relacionados à constituição silábica

Nos dados foram encontrados os seguintes processos: epêntese, segmentos longos e assimilação nasal, ou, nasalização.

4.2.1. Epêntese

Este processo se caracteriza pela inserção de um segmento na representação fonética de uma palavra, tendo, portanto, uma relação direta com a estrutura silábica dessa palavra.

O sistema fonológico do Xavante produz sempre a inserção da oclusiva glotal para preencher a posição de onset vazio. A epêntese /ʔ/ em início de palavra é fonética, enquanto que, em meio de palavra, antes do glide labial e do tepe, ela é fonológica. O onset silábico nesta língua é obrigatório, duas vogais não ocorrem juntas em sílabas adjacentes; elas são sempre separadas por consoantes.

- (13) [ʔubu 'ɾewa 'si: ɣã] /u.bu. 'ɾewa ' si-ɣã/ 'todas as estrelas'
todas estrelas-NOM

Em Kaingang também ocorre a inserção de oclusiva glotal entre fronteira silábica e vogal:

- (14) /hə' ə/ [hə' ʔə] 'de nada'
/ɛŋ/ [ʔɛŋ] 'nós'
/pɛd 'ɔ/ [pɛd 'ʔɔ] 'batata'

Em Xerente, os fones vocálicos /u, ẽ, ə, i/ são inseridos entre dois segmentos consonantais. A ocorrência destes segmentos esta condicionada à característica dos segmentos adjacentes. Assim:

- (15) [ẽ, ə] ocorre antes de consoante alveolar

[kə' nẽ] / knə/ 'pedra'

[kə' ði] / kdi/ 'anta'

- (16) [u] ocorre antes de consosante velar

[amu' kɛ] / amkɛ/ 'cobra'

[pu' ku] / pku/ 'lago'

- (17) [i] antes de tepe

[mi' rẽ] / mɾẽ/ 'mato'

O sistema da língua Xerente produz, ainda, a inserção de fones [k, t, h] para preencher a posição de onset silábico.

- (18) [hu.ahõ] /wahõ/ ‘nossa pele’
 [t’aj. sɛ] /ajsɛ/ ‘teu ombro’

4.2.2. Alongamento

Numa sequência, um som vocálico se prolonga por dois tempos na estrutura rítmica do enunciado.

Em Xavante, com exceção de [u], todas as vogais podem ser alongadas; nesta língua este processo tem um valor enfático, sendo, pois um processo de natureza suprasegmental.

- (19) [rom ‘ɣədi] /rob. ‘ɣə. -di/ ‘é longe’
 [rom’ɣə: di] /rob. ‘ ɣə. di/ ‘é muito longe’

O alongamento de segmentos vocálicos também ocorre em Pykobjê:

- (20) ah. kit -> aʔ. kit ~ a: kit ‘mato’

Contudo, nessa língua, o alongamento é compensatório, ou seja, há um alongamento vocálico para preencher a posição vazia de coda. Palavras monossílabas como árvore /‘pẽʔ/, que apresentam uma oclusiva glotal como coda, ao compor um novo vocábulo, alongam sua vogal obrigatoriamente. Isso se manifesta em compensação pela queda da oclusiva.

- (21) pẽʔ tʃir -> pẽ :.tʃit
 ‘árvore’ ‘queimar’ ‘queimada’

- (22) ej toʔ k^hə -> ej.to:k^hə
 1 ‘olho’ ‘pele, couro’ ‘minha pálpebra’

4.2.3. Nasalização

Neste processo, o traço de nasalidade de um segmento “contamina” o modo de produção de um segmento adjacente.

São segmentos nasais em Xavante os segmentos vocálicos. As consoantes sonoras da língua tornam-se nasalizadas a partir dessas vogais: /b,d,j/ se realizam [m, n, ɲ, ŋ].

Com exceção de [m], que pode ocorrer tanto em posição de onset antes de qualquer vogal nasal, quanto em posição de coda, antes de consoante nasal, tepe ou glide labial, como alofone da oclusiva bilabial sonora, todas as outras consoantes nasalizadas ocorrem em início de sílaba.

- (23) /'bẽ. rẽ/ ['mẽrẽ] 'mato'
/ 'jõ. ɣu/ ['ɲõɣu] 'padrinho'

A ocorrência do segmento [m] em posição de coda está condicionada à assimilação do traço nasal do onset seguinte ou da vogal anterior a ele.

Em Xerente, as vogais assimilam o traço de nasalidade de um segmento adjacente:

- (24) [nrõu 'da] /nrõ.u.'da/ 'tucano'
[põ 'nẽ] /põ .'nẽ/ 'veado mateiro'
[dapnẽ] /dap.nə/ 'irmão'

Todos os fonemas vocálicos orais apresentam alofones nasalizados. Em Kaingang, os segmentos / r, y, w / se nasalizam em contigüidade com segmentos nasais:

- (25) /yuŋmi/ [yuŋmi] 'pitanga'

5. DISCUSSÃO

A estrutura silábica básica encontrada nas línguas em questão foi (C) (C) (C) V (C), sendo optativos os segmentos entre parênteses. O padrão CV é o mais recorrente entre as línguas.

Os processos fonológicos observados nas línguas até o presente foram a epêntese, a nasalização e o alongamento de vogais.

A epêntese ocorre em Xavante, em Kaingang e em Xerente, e tem como função preencher a posição de onset vazio. Nas duas primeiras línguas, a oclusiva glotal preenche o ataque silábico. Já no Xerente, [k, t, h] são inseridas no onset vazio; aparentemente, as línguas em questão tendem ao padrão universal – CV.

Em Xerente, ocorre ainda a inserção das vogais [u, ə, ã, i]. A ocorrência desses segmentos é condicionada pelo segmento adjacente: [ə, ã] antes de consoante alveolar, [u] entre um bilabial e uma consoante velar e [i] antes do tepe.

O alongamento de segmentos tem um valor enfático e suprasegmental na língua Xavante. Já na língua Pykopjê, tem valor compensatório: a vogal é alongada para ocupar a coda vazia.

A nasalização, por sua vez, foi observada em Xavante, em Xerente e em Kaingang, onde segmentos orais tornam-se nasais em decorrência do ambiente em que figuram. Assim, em Xavante, /b, d, j/ manifestam-se como [m, n, ɲ, ɳ], respectivamente, diante de qualquer fonema vocálico nasal da língua. Já em Kaingang, os segmentos /r, w, y/ se nasalizam pela assimilação do traço de nasalidade das consoantes nasais da língua. E, em Xerente, as vogais é que são nasalizadas pelos segmentos adjacentes.

Portanto, há entre as línguas analisadas padrões e processos recorrentes relativos à constituição silábica.

6. CONCLUSÕES

Constituem padrões silábicos comuns entre as línguas analisadas:

- (26) V
- VC
- CV
- CCV
- CVC
- CCVC
- CCCV
- CCCVC

Quanto aos processos fonológicos relacionados à construção silábica, observam-se a epêntese, entre Xavante, Kaingang e Xerente; a nasalização, entre Xavante, Xerente e Kaingang; e o alongamento de vogais, entre Xavante e Pykobjê. A maioria desses processos tem caráter fonético, ou seja, ocorrem no nível na fala não tendo, portanto, valor distintivo.

Portanto, há entre as línguas analisadas, padrões e processos recorrentes, relativos à construção silábica, revelando características tipológicas marcantes dessa família lingüística.

7. REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, Marita Porto. *Fonologia e morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1987.
- QUINTINO, Wellington Pedrosa. *Aspectos da fonologia xavante*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- SOUZA, Shelton Lima de. *Descrição Fonética – Fonológica da língua Akwê- Xerente*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB, 2008.
- AMADO, Rosane de Sá . *Aspectos morfonológicos do Gavião-Pykobjê*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.
- GAKRAN, Nanblá. *Aspectos morfosintáticos da língua Laklãnõ (Xokleng)*. Dissertação de mestrado. Capinas: Unicamp,2005.
- GONÇALVES, Solange Aparecida. *Aspecto no Kaingang*. Dissertação de Mestrado.Campinas: UNICAMP, 2007.
- PICKERING, William A. *A fonologia Xavante uma revisitação*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp,2010.
- GUEDES, Marymarcia. *Suyá: A língua da gente “um estudo fonológico e gramatical”*. Tese de Doutorado.Campinas: UNICAMP, 1993.
- RODRIGUES, A.D. *Línguas Brasileiras: para um conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986
- LACHNITT, G. *Damreme' uwaimramidzé: estudos sistemáticos e comparativos de gramática xavante*. Campo Grande, MS: Missão Salesiana de Mato Grosso, 1999.
- WETZELS, W. L. “Contornos nasais e estrutura silábica em Kaingáng” In: WETZELS, W. L. *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.